



## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM ZONAS DE FRONTEIRAS

Claudia Moreira de Sousa Pires

elcau2002@yahoo.com.br

### Resumo

*O relato de experiência aqui analisado se propõe a refletir a formação docente na licenciatura em Geografia, UNEB/Campus V, a partir das narrativas de formação dos licenciandos sobre as experiências durante os estágios. O objetivo dessa pesquisa é refletir como os estágios III e IV propiciam experiências e aprendizagens a partir da vivência no espaço da escola. Para isso, se propõe a investigar a partir das entrevistas narrativas quais as dificuldades enfrentadas nesse tempo-espaço formativo e quais as aprendizagens desenvolvidas pelos estagiários. A importância das reflexões empreendidas nesse trabalho está em descobrir como os estágios possibilitam a formação/construção da identidade docente nas “zonas de fronteiras”. O referencial teórico que norteará essa construção textual será estágio supervisionado, ensino de geografia e entrevistas narrativas. O caminho para se realizar a referida pesquisa foi delineado a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da abordagem autobiográfica, cuja única fonte de recolha de dados foi a entrevista narrativas com dois professores em formação inicial. As reflexões desenvolvidas ao longo desta escrita apontam caminhos para se pensar a importância das narrativas enquanto instrumento teórico-metodológico que oportuniza pensar o processo formativo, refletindo na importância dos estágios e os elementos que ao longo dessa caminhada foram desafiadores, bem como as conquistas obtidas nesse espaço-tempo formativo.*

**Palavras-chave:** Formação docente. Ensino de Geografia. Entrevistas Narrativas.

### Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir a formação docente na licenciatura em Geografia, na UNEB / Campus V, localizada na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo da Bahia, a partir da análise das narrativas de formação dos licenciandos, sobre as vivências durante os estágios supervisionados. Os estágios constituem um momento ímpar, no que concerne a pensar o exercício da docência enquanto pesquisa sobre a práxis docente. É durante os estágios que o professor em formação adentra o espaço da escola e passa a desvendar este lugar-mundo, à luz das teorias apreendidas nas situações formativas em diferentes componentes curriculares do curso, as quais, muitas vezes são permeadas pelas memórias das suas experiências no tempo da escola, enquanto alunos da educação básica.

Este texto está estruturado da seguinte maneira: inicialmente se realizará uma reflexão de que modo os Estágios Curriculares Supervisionados III<sup>1</sup> e IV<sup>2</sup> possibilitam experiências e aprendizagens da/na e sobre a docência na escola. Em seguida, se propôs elencar as principais dificuldades vivenciadas ao longo dos estágios que compõem o processo formativo da licenciatura em Geografia, na UNEB/Campus V. E por fim, a partir das narrativas dos professores em formação, analisar como as experiências dos estágios contribuem na sua formação docente.

O que instigou o desenvolvimento de pesquisar o estágio supervisionado na formação docente em geografia, a partir das narrativas e vivências nas zonas de fronteiras, foi desvelar como os estágios supervisionados contribuem na formação/construção da identidade docente do ser professor de Geografia, através das narrativas sobre as situações experienciadas na escola. Deste modo, elegemos como principal objetivo refletir como os estágios III e IV propiciam experiências e aprendizagens a partir da vivência no espaço da escola.

O caminho para se realizar a referida pesquisa foi delineado a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da abordagem autobiográfica cuja única fonte de recolha de dados foi a entrevista narrativas com dois professores em formação inicial. A intenção foi, através da realização das entrevistas, perceber como eles compreendem o processo formativo a partir dos estágios, e quais as aprendizagens foram apreendidas no devir do percurso formativo, sobretudo, no que concerne às vivências experienciadas na zona de fronteira na condição de estagiários, quando já não eram somente estudantes e tampouco eram professores.

Vale ressaltar que, no campo da formação de professores, a expressão zona de fronteira, segundo Valladares (2015), são espaços /tempos de aprendizagem que se efetiva entre teoria e prática, entre escola e academia, entre a situação de estudante e a vivência de professor. Portanto, compreende um tempo-espaço em que os estagiários não são mais somente estudantes, mas ainda não se constituem professores.

---

<sup>1</sup> Discute o trabalho pedagógico na diversidade do cotidiano escolar contemplando os aspectos sócio-culturais do aluno na relação com o professor e com a construção do saber. Relaciona a teoria com a prática, buscando intervir de forma crítica e transformadora no processo ensino-aprendizagem, elaborando projetos de atuação na área, com compromisso sócio-histórico. Realiza Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental.

<sup>2</sup> Discute o trabalho pedagógico na diversidade do cotidiano escolar contemplando os aspectos socioculturais do aluno na relação com o professor e com a construção do saber. Relaciona a teoria com a prática, buscando intervir de forma crítica e transformadora no processo de ensino-aprendizagem, elaborando projetos de atuação na área, com compromisso sócio-histórico. Analisa criticamente e propõe diferentes abordagens para o ensino de geografia. Realiza Estágio Supervisionado no Ensino Médio.



### **O estágio enquanto experiência formativa: vivências na zona de fronteira.**

Pensar os estágios supervisionados no campo da formação de professores perpassa por considerar quão desafiadora tem sido essa formação, pois a escola precisa ser ressignificada em face do contexto social no qual ela se insere atualmente, visto que existe um fosso gigantesco que diverge do que tem acontecido nesses espaços, e como se desenvolvem as aprendizagens e como esse conhecimento pode ser utilizado pelos sujeitos aprendentes, para assim significarem o seu lugar-mundo. Ao mesmo tempo torna-se necessário pensar na escola e seu papel nesta conjuntura e refletir sobre o ensino de Geografia que tem sido desenvolvido.

Quando os docentes em formação chegam aos espaços educativos nos períodos dos estágios, visualizam uma grande encruzilhada de interesses e realidades díspares. De um lado a realidade que envolve a maiorias das escolas, no que concerne à escassez de recursos e equipamentos, a quantidade de alunos por turmas, o formato das salas de aulas, que em sua maioria não são confortáveis e nem atrativas, o desinteresse dos alunos, dentre outras situações adversas. Por outro lado, a manifestação da ‘alegria dos começos’, carregada de esperança e desejo de fazer a diferença, no que concerne a proporcionar um espaço em que o ensino possa desempenhar a sua função social, de formar sujeitos autônomos e críticos acerca do seu espaço de vivência. São inúmeras as experiências dessa encruzilhada formativa, denominada estágio curricular supervisionado, a qual segundo Valladares (2015), é concebida como uma zona de fronteira. Ainda, segundo esta autora, a zona de fronteira se refere,

Porque as fronteiras são criações humana, as percepções de diferenças e de diversidade, contidas nelas, ajudam a provocar aprendizagem. Se a prática de ensino caracteriza a dinâmica fluida entre prática e teoria, o estágio a traz em si e vivencia sua dimensão em mais uma instância de zona de fronteira, entre limites que se dilatam e se contraem: flui entre escola e academia, entre o que se pensa que se sabe e o que se pensa e precisa saber fazer. (VALLADARES, 2015, p. 79)

Tem assim, um momento único, que se apresenta contraditório, em que de um lado se desvela a identidade docente e as esperanças dos jovens professores, e de outro, o embate com os desafios, dificuldades e inquietudes que surgem em meio à profissão docente. Nesse espaço-tempo os estagiários identificam que a regência vai muito além de passar os conteúdos, ou seja, é necessário desenvolver ao longo do percurso formativo os saberes necessários à docência, de forma que os conteúdos abordados ao longo da graduação possam ser transcritos no espaço

da sala de aula, propiciando a aprendizagem. Nesta zona de fronteira são realizadas inúmeras reflexões acerca do saber fazer do professor, que envolve técnicas, mas também solidariedade, compaixão, desapego, humildade e amor, afinal o professor trabalha com vidas que trazem histórias, conflitos e sonhos que acabam compondo o universo da sala de aula.

Refletir a formação inicial de professores é fundamental, conforme reflete Khaoule (2013, p. 89)

Investir esforços na formação ancora saberes, experiências, culturas e embasamento capazes de desencadear um conjunto de ações para tornar o país mais justo no campo social. Nessa perspectiva, a formação de professores pode ser considerada a base de um processo que possibilita mais do que a transformação do ensino. Implica, também, na diminuição e enfraquecimento da desigualdade social que a muito se enfrenta no Brasil.

Assim é fundamental uma reflexão pautada nesse processo de formação docente, pensando na qualificação do conhecimento geográfico, de forma que os futuros professores consigam, como propõe Khaoule, ensinar, compreender seu papel e seu compromisso social na aprendizagem dos sujeitos para que possam atuar no seu contexto de vida.

Sobre a relevância do estágio curricular supervisionado no âmbito da formação de professores, Cousin (2015) afirma que se trata de uma importante fase do processo formativo, a qual

[...] possibilita o fazer docente e potencializa o entrelaçamento do conhecimento teórico aprendido no curso de formação, com a prática em sala de aula, em frente a diversas situações do cotidiano escolar, em busca de uma elaboração da práxis docente. Esse é um momento importante, carregado de inúmeros conflitos que precisam ser mediados a partir do diálogo e da possibilidade de estar na escola (p. 29-30).

A sala de aula precisa ser vista por um prisma que a concebe como lugar permeado por uma infinidade de sentidos, experiências e saberes, um espaço cultural que extrapola os muros das escolas. E assim, nesse espaço, enquanto formam-se também são formados os sujeitos que significam e ressignificam a Geografia para a leitura e o desvelamento do seu lugar-mundo.

Desta forma, os estágios são compreendidos como um espaço de confluência de diferentes concepções de mundo, múltiplos saberes, diversas experiências, as quais comportam



histórias e sentidos de existência dos sujeitos envolvidos. A partir dessa realidade, os estagiários possuem o desafio de pensarem- o conteúdo designado pelo regente- buscando a primazia dos aspectos teóricos metodológicos para se realizar aulas que se utilizem de atividades lúdicas, práticas e que proporcionem o aprendizado efetivo da ciência geográfica, no que concerne à educação geográfica. Refletindo de acordo com Moraes (2010), a educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque o espaço geográfico é complexo e dinâmico e manifesta as características da sociedade.

O estágio supervisionado emerge nas licenciaturas enquanto espaço de pesquisa, aprendizagens, preparação, prática e experiência de uma etapa crucial e passageira na formação de professor. Como sinaliza Valladares, (2015), o estágio enquanto zona de fronteira, constitui-se em lugares onde identidades se diluem e se tornam híbridas. É entre o limiar do ser aluno, e do ser professor, que os sujeitos se gestam, se gostam, se gastam e (de)gustam diferentes sabores de vida, em seus projetos e tentativas de humanização. Enfim, mais que isso, é nesse intenso e tênue movimento que identidades docentes são construídas/traçadas, num processo em que outros sujeitos são formados.

### **O Estágio na Licenciatura em Geografia, na UNEB, *Campus V*: concepção**

Com a reformulação na matriz curricular ocorrida na licenciatura em Geografia, na UNEB / *Campus V*, no ano de 2004, o clássico formato que representava o modelo 3+1, o qual era organizado em quatro anos, sendo os três anos primeiros ancorados na perspectiva de um currículo híbrido, baseado nos pré-requisitos, de conhecimentos específicos da Geografia, e, o último ano dedicado aos componentes pedagógicos, com ênfase no estágio supervisionado curricular obrigatório. Este modelo de currículo limitava a formação para o exercício da docência, desconfigurando o principal objetivo de um curso de licenciatura, qual seja, formar professores.

Sobre esta questão, Cunha (2008, p. 9) destaca que:

Os cursos de formação de professores em nível superior historicamente tiveram o campo disciplinar como matriz e a estrutura desse conhecimento prevaleceu na organização de seus currículos e representações da docência. Soaria muito estranho pensar que os saberes próprios do ensinar e do aprender orientassem com primazia suas propostas, inspiradas na concepção clássica da universidade.

No campo da formação inicial do professor de Geografia, segundo Cavalcanti (2008), essa concepção orientou e ainda orienta uma proposta de formação centrada na dualidade entre a construção de “[...] saberes geográficos sem articulação com o ofício profissional do geógrafo, pois o importante é aprender conteúdos de Geografia, em si mesmos, não importando a finalidade que eles possam ter” (CAVALCANTI, 2008, p. 86), e a segunda etapa do curso corresponde à contemplação das chamadas “disciplinas pedagógicas”, as quais “[...] orientam a formação para o exercício profissional, preparando tecnicamente o professor para a aplicação prática de um instrumental básico do ofício de professores” (p. 86).

O atual modelo, obedece às demandas das legislações<sup>3</sup>, que propunham a organização dos componentes pedagógicos divididos ao longo dos quatro anos do curso, em que as Práticas de Ensino passaram a ter 400 horas, e são ministrados nos primeiros dois anos, sendo cada componente com a carga horária de 100 horas por semestre.

Já nos dois anos finais da graduação, as 400 horas de estágios são divididas em Estágio I – Diversificado, cuja ementa propõe o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas, que possibilitem a intervenção de forma crítica e transformadora no processo pedagógico, através da elaboração de projetos que visam a produção de materiais didáticos, recursos e técnicas de ensino na área da geografia. O Estágio II – Espaços não Formais de Ensino, as ações didático-pedagógicas são realizadas em espaços educativos não escolares<sup>4</sup>; as propostas do Estágio III – Docência no Ensino Fundamental II e o Estágio IV – Docência no Ensino Médio, centram-se na proposição de atividades vinculadas ao exercício da docência em unidades escolares públicas (municipais e estaduais) na cidade de Santo Antônio de Jesus.

E assim, o acompanhamento da turma que ingressou no ano de 2013 permitiu observar, refletir e avaliar o desenvolvimento das práticas pedagógicas e os saberes docentes, durante os

---

<sup>3</sup>“No Brasil, nas últimas décadas, foram implantados vários programas institucionais com o propósito de promover reformas no campo da educação e, sobretudo, no âmbito da formação profissional do professor. A base de sustentação é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 9394-96 e, na década seguinte, as Resoluções do Conselho Nacional de Educação, dentre as quais destaco: Parecer CNE/CP Nº. 21/2001, de 6 de agosto de 2001 (BRASIL, 2001b); Parecer CNE/CP Nº. 28, de 2 de outubro de 2001 (BRASIL, 2001c); Resolução CNE/CP Nº. 1, de 18 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002a); Resolução CNE/CP Nº. 2, de 19 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002b); a Resolução CNE/CP Nº 14, 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002c) e a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006 (BRASIL, 2006)”. (PORTUGAL, 2013, p. 243 e 244)

<sup>4</sup> Associações de Moradores, igrejas, Centro de referência e assistência social, oficinas em escolas, centros culturais, ongs e etc.





estágios III e IV. Paralelo a esse movimento, ter-se-á a constituição do ser professor de geografia mediante a articulação entre o que é a escola, a identidade do discurso geográfico e o sentido de se ensinar Geografia (Silva, 2014). Diante desse processo a identidade docente foi sendo forjada e os estagiários, localizados na zona de fronteira, faziam-se pesquisadores da sua prática pedagógica a partir da interação/mediação dos conteúdos, num processo contínuo em que se transformavam em conhecimentos as vivências trazidas à escola por esses meninos e meninas.

### **Estágios supervisionados: experiências e narrativas.**

A presente reflexão se deteve em pensar acerca das experiências no/do estágio, e nas repercussões dessas no desenvolvimento e na formação da identidade do professor de Geografia. Para isso, foram realizadas entrevistas narrativas com dois<sup>5</sup> estagiários (professores em formação inicial), acerca das experiências de estágio na matriz curricular da licenciatura em Geografia, as dificuldades vividas durante o percurso formativo, e, por fim, as aprendizagens e saberes construídos, a partir das experiências com/nos estágios.

O processo que envolve o narrar sobre si, de acordo com Cousin (2015), permite que os estagiários (re)pensem o próprio processo de formação e descubram possibilidades e limites do narrar, da perspectiva que vê a própria vida, refletindo as práticas desenvolvidas. Nesse contexto os sujeitos trazem o olhar acerca de si, acerca das experiências, percalços e esperanças. E nesse exercício de narrar as suas histórias de formação, sobretudo, sobre os estágios, elencando as situações experienciadas, refletindo as ações formativas para a práxis docente. “Trata-se, finalmente, de uma ação irrenunciável, que articula a escrita, a leitura e o diálogo constituindo um objeto que, de outra forma, seria invisível, porque estamos mergulhados nele: a vida como conhecimento, em toda a sua complexidade. (COUSIN, 2015, p. 37)

A narrativa de João, professor em formação inicial, destaca a relevância do estágio, enquanto etapa da formação. Entretanto, o seu relato também denuncia o distanciamento da universidade – *lócus* da formação profissional – e a escola básica – lugar do exercício da profissão. Vejamos:

---

<sup>5</sup> A escolha dos estagiários ocorreu aleatoriamente tendo um estagiário do sexo masculino e outro do sexo feminino. Os estagiários João e Alana foram colaboradores desta pesquisa, os quais autorizaram o uso dos próprios nomes neste trabalho.

*O estágio supervisionado é um momento extremamente importante no nosso processo educacional, tendo em vista que o mesmo nos possibilita colocar em prática o que aprendemos ao longo dos quatro anos na universidade, permitindo assim refletirmos sobre nossas práticas e sobre o tipo de profissional que pretendemos ser no futuro. Algumas considerações a serem feitas em relação ao estágio é que, apesar do mesmo ser um momento de aplicar aquilo que foi acumulado ao longo de nossa formação, pode-se perceber que o curso de Geografia, ainda se, mantém muito distante da Geografia Escolar, isso pode ser notado por meios das dificuldades de lidar com os conteúdos no campo de estágio, conteúdos esses que tiveram de ser lidos e relidos para aprimorar as discussões quando em sala. (João Câncio, Entrevista Narrativa, 2018)*

Assim, conforme a sua narrativa, João destaca a importância do estágio na construção da identidade docente, visto ser esse o espaço em que o sujeito pesquisador, que investiga sua prática, materializa as suas ações, a partir do momento em que o aprendido na universidade tem a possibilidade de ser transcrito/ressignificado no espaço da sala de aula, tornando-se assim conhecimentos por partes das crianças e jovens.

Ele observa ainda a necessidade de aproximar os conhecimentos de geografia desenvolvidos na universidade, da geografia escolar, mediante os saberes necessários à docência. Esse aspecto inclusive é abordado por João, ao dizer que o curso de geografia é distante da Geografia escolar. Essa distância que o estagiário percebe ocorre devido à dificuldade que ele teve para ensinar os conteúdos nas aulas de geografia, já que a abordagem dos conhecimentos geográficos na Licenciatura em Geografia, na UNEB- Campus V, muitas vezes se apresenta teórica, conceitual e distante da geografia escolar

O estágio ao longo da graduação constitui-se em espaço-tempo de aprendizagens contínuas e de ressignificações, a tempo que as condições estratégicas de ensinar e aprender, desse processo, permitem aos estagiários experimentarem uma constante reconstrução do caminhar, de repensar estratégias a fim de alcançar um melhor desempenho crítico e reflexivo, sendo esse momento fundamental no processo formativo do professor de geografia.

Sobre as experiências na escola básica, enquanto estagiária, a professora em formação inicial, Alana, destaca na sua narrativa as questões de cunho teórico-metodológico que reverberam nas ações didático-pedagógicas na sala de aula. Ao narrar sobre o desafio do ensino, esta professora elenca alguns pontos que merecem destaque, a saber: a seleção de estratégias metodológicas que contemplem o perfil da turma, as singularidades e especificidades de cada





aluno e suas histórias de vida e saberes e o papel do professor, enquanto mediador do conhecimento dos seus alunos, conforme excerto a seguir:

Adequar a estratégia de ensino à turma, compreender que em uma mesma classe existem alunos que requerem metodologias diferentes, identificar quando o aluno está com dificuldade e buscar inseri-lo no processo, perceber a expressão de quando o aluno compreendeu a aula, ser uma referência de profissional, participar da construção do conhecimento do outro e trocar saberes, orientar, sugerir leituras e incentivar a ser sempre o melhor que puder ser, são as sensações mais prazerosas de um professor. Eu sempre tive certeza sobre a docência e a cada experiência tenho ainda mais convicção. Existe uma grande questão sobre o ato de ensinar. Por mais que se tenham todo o embasamento técnico sobre a Geografia e reconheça a relevância das práticas pedagógicas inovadoras, é necessário compreender o aluno como o ator inserido em outros ambientes que não o escolar, como o meio familiar, cultural (religiões) e pertencentes a uma sociedade. E, esses são fatores moduladores e determinantes sobre o que é ensinado e aprendido em sala. (Alana Píton, Entrevista Narrativa, 2018)

Além das questões apontadas, Alana também reafirma o desejo de ser professora, alegando que as vivências experienciadas têm reafirmado esta escolha. O querer ser docente se manifesta na presente narrativa, na reflexão-ação do universo da sala de aula, e corroborando com Valladares (2015, p. 87) é possível afirmar que, “A importância do estágio também mora aí: zona de fronteira educativa entre família, comunidade e escola. No estágio, é preciso aprender isto, como princípio de vida coletiva, a ação conjunta rumo ao objetivo comum.” A vivência do estágio permite experimentar aprendizagens diversas mediante o contato com a cultura da escola e a cultura escolar, o intercâmbio com meninos e meninas e seus saberes, histórias e experiências. É a partir desse momento que se desenha o vislumbre do tempo atual, e os limites dessa zona de fronteira, bem como a possibilidades de vir a ser.

Na sua narrativa, Alana sinaliza o desejo de fazer diferente, de criar estratégias de ensino que contemplem as necessidades dos alunos, reconhecendo que os mesmos são diferentes e trazem consigo as marcas da vida em outros contextos, além de sonhos e necessidades específicas. Também sinaliza o dever da escola em acolher esses sujeitos com as suas singularidades, reafirmando a necessidade de inclusão de todos, inclusive daqueles com necessidades especiais.

Durante a vivência de estágio percebi o quanto é necessário compreender os motivos pelos quais, às vezes, um aluno tem baixa adesão às propostas de ensino, enquanto tantos outros conseguem desenvolver as atividades, ou

ainda, quais são os fatores que o desencorajam frente ao saber. Não que a escola possa modificar tais realidades, mas pode ser através do professor o elo acolhedor e colaborativo. Cada aluno traz em si uma realidade de vida, sonhos e necessidades específicas. A escola que insere e problematiza tais questões, ao buscar o ensino emancipatório, não pode desprezar a ideia de um aluno para além da escola, assim vale para alunos com necessidades de inclusão. (Alana Pítton, Narrativa, 2018)

As leituras que envolvem o cotidiano da escola perpassam por desvelar momentos que apontam para o mergulho no dia a dia desses meninos e meninas, que nos revelam e nos direcionam para a complexidade dos cotidianos e nos levam a pensar na compreensão de realidades diversas e díspares, no arranjo em que a educação geográfica possa proporcionar a autonomia e a leitura de mundo por parte desses jovens.

Assim cabe à Geografia Escolar se instrumentalizar para proporcionar a aprendizagem no nível da compreensão do lugar comum em que se localizam esses sujeitos. Por isso, compreendo que é condição fundamental pensar que os conhecimentos de Geografia que se desenvolvem na universidade precisam ser pensados à luz dos espaços escolares. Isso é importante, porque é necessário dar conta dessas realidades, a partir do processo que envolve transcriar os conhecimentos – teóricos e metodológicos – apreendidos na universidade e ressignificá-los na escola

Segundo Valladares (2015, p. 88),

De um modo geral, na academia, os licenciados cultivam uma vaidosa pretensão de produção de conhecimento que tenta desconhecer e, ignorar, desqualificar a vida da escola, (...). Os “nós”, do jeito que se apresentam na academia, são apenas amarraduras que rompem a transição de aprendizagens que aconteceriam de outro jeito, se as redes não (a)prendessem.

É justamente nessa perspectiva que se desenham as dificuldades que os estagiários experimentam ao longo do percurso formativo. A “transposição didática” (CHEVALLARD, 1991) que envolve a mediação entre o conhecimento desenvolvido nas universidades e o conhecimento escolar, a realidade das escolas públicas que envolvem inúmeras carências, a indisciplina, a deficiência de materiais, as questões salariais e as condições de trabalho, enfim, um universo de desafios que se apresentam e que precisam ser encarados e superados.



A assunção da sala de aula, o tornar-se professor, ainda no devir do processo de formação acadêmico-profissional, ainda hoje, é concebida, por muitos professores em formação inicial como o maior desafio da formação. Sobre essa questão, João narrou:

Um dos grandes medos que tive ao longo do curso era enfrentar esse momento, embora gostasse muito da licenciatura, o meu maior medo era o de não conseguir me impor em sala frente aos alunos mais rebeldes, outro medo era de não conseguir trabalhar corretamente os conteúdos, ou de não saber lidar com os questionamentos dos alunos. No início do estágio, tudo foi mais difícil, era planejar aulas, desenvolver as atividades que fossem mais dinâmicas e que estimulassem a participação dos alunos, visto que os alunos eram muito agitados. Muitas vezes pensei até em desistir do estágio ou trocar de turma, isso por conta da pressão, resistência e do desrespeito dos alunos [...]. (João Câncio, Entrevista Narrativa, 2018)

Neste excerto da narrativa de João emergem questões que remetem uma discussão sobre os modos como as universidades estão preparando os professores para adentrar a escola, mas especificamente uma sala de aula e experienciar a sua dinâmica e especificidades. Quando João narra acerca da rebeldia no ambiente da sala de aula, acredito ser fundamental refletir a qualidade das aulas e do espaço da escola. Fico a questionar se estas aulas favorecem o encantamento ou o desencanto, a apatia e o desinteresse. As aulas de geografia devem se constituir em tempos-espacos para exercício de liberdade, autonomia, cidadania e alteridade. Aulas que permitam o diálogo com outros saberes, com o olhar que o aluno traz, com as outras disciplinas do currículo.

Outro aspecto que é abordado por João é acerca do domínio dos conteúdos geográficos, bem como do saber responder aos questionamentos dos alunos. Cabe aqui refletir se a Universidade tem propiciado a formação desses futuros professores para assumir essa sala de aula, que ao meu ver é complexa e necessita ser ressignificada. É fundamental apresentar o domínio dos conteúdos geográficos, mas acredito que apresentar os saberes necessários à docência seja também crucial nesse processo. Assim, não adianta dominar climatologia, mas não conseguir ensinar climatologia. Penso que o espaço da sala de aula seja um espaço de diálogo, construção, desconstrução e cumplicidade. E a Geografia deve ser vista enquanto disciplina alfabetizadora, instrumento para o entendimento das práticas sociais que permeia o cotidiano dos sujeitos. Esse enrijecimento do espaço da sala de aula favorece o enfraquecimento do espaço pedagógico da escola, visto que a dureza do conhecimento, em alguns aspectos, acaba com toda diversidade, multiplicidade que é próprio do cotidiano.

E assim o estágio vai se efetivando em meios a tantas possibilidades, que vão se entrelaçando como numa colcha de retalhos, em que a identidade docente vai se fiando, tecendo, formando, ao longo dos percursos formativos, em que as narrativas se apresentam enquanto um excelente momento de reflexão, dispositivo de investigação- formação.

São inúmeros os desafios apontados nas narrativas de João e Alana, que sinalizam para medos e muita insegurança mediante a vivência de situações que retratam indisciplina dos alunos, a dificuldade para se trabalhar com os conceitos e temas da Geografia Escolar, o planejamento das aulas e suas práticas. Outro elemento relevante que emerge do excerto da narrativa destaca a atenção para a necessidade do planejamento enquanto etapa fundamental do exercício docente, e de se pensar o planejamento a partir da realidade da turma e da escola. Nesse contexto, é fundamental avaliar as estratégias metodológicas que serão utilizadas para promover a abordagem dos conteúdos selecionados, tendo em vista a aprendizagem dos alunos.

Os futuros professores, autores das narrativas que compõem este texto, iniciaram as devidas reflexões a partir de suas vivências na universidade, o devir das atividades no campo de estágio, envolvendo a crítica diante das práticas desenvolvidas, o desvelar das especificidade, singularidades e desafios da sala de aula, do ambiente da escola, confessando os medos, angústias e as fragilidades vividos no exercício da docência, articulando com as situações experienciadas no processo formativo. Cabe aqui pontuar, que esses professores em formação, estavam em seu primeiro contato com a escola, no que concerne ao exercício da docência. E para esse momento, como enuncia Valladares (2015), felizmente, acreditar nos “novos”, não como inexperientes, mas como novos criadores de outros novos, que trazem novas propostas, novos sonhos e muita esperança.

Portanto, pouco a pouco esses professores em formação inicial se permitem a refletir e ressignificar suas experiências formativas, num movimento constante de pensar sua práxis, de relacionar o conhecimento apreendido na UNEB, e praticado nas escolas acolhedoras dos estágios, de forma a avaliar sua atuação na sala de aula, de pensar os sujeitos no ambiente da escola, o manuseio do conhecimento geográfico, o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula, os anseios, medos, sonhos vivenciados durante o período da regência, da aprendizagem da, na e sobre a docência.

**Para (não) concluir:**



As reflexões desenvolvidas ao longo desta escrita apontam caminhos para se pensar a importância das narrativas enquanto instrumento teórico-metodológico que oportuniza pensar o processo formativo, refletindo a importância dos estágios e os elementos que ao longo dessa caminhada foram desafiadores, bem como as conquistas obtidas nesse espaço-tempo formativo.

Através da interpretação e análise dos excertos das narrativas sobre as situações experienciadas durante o estágio foi possível apreender como tais vivências implicaram no crescimento e o fortalecimento pessoal e formativo desses professores em formação inicial, a partir do momento que suas práticas foram refletidas e revisitadas, evidenciando as fragilidades do percurso trilhado e a imersão no ambiente da escola concebendo-a enquanto lugar para apreender e compreender as suas demandas, necessidades, vulnerabilidade e papel social na formação de outros sujeitos.

As narrativas se apresentam nesse contexto enquanto experiência reflexiva/propositiva dos itinerários formativos que permitem aos professores em formação refletir sobre a identidade docente a partir da reflexão de si, dos caminhos percorridos nas trajetórias de formação acadêmico-profissional e sua inserção no campo da profissão, enquanto elementos importantes que perpassam a construção do ser professor que, também, tem uma história de vida, sonhos e desejos que são significativos na constituição da sua história pessoal e profissional.

Este dispositivo possibilita uma reflexão profícua acerca dos saberes docentes, das práticas pedagógicas, das diversas metodologias, do ser professor- pesquisador, do limiar entre a formação e a pesquisa e, sobretudo, da interface entre a formação e as aprendizagens da docência, a partir das histórias narradas, no intenso revisitar das memórias, no processo de formação em que as identidades docentes são construídas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Formação inicial e continuada em Geografia: trabalho pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento. In: ZANATTA, Beatriz Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo (Orgs.). **Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino de Geografia**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 85-102.

CHEVALLARD, Y. **La Transposicion Didactica: Del saber sabio al saber enseñado**. Argentina: La Pensée Suavage, 1991.

COUSIN, Claudia da Silva. O estágio supervisionado em geografia como um locus que problematiza a identidade docente: narrativas de constituição em roda. In: PORTUGAL, J.F; CHAIGAR, Vânia A. M. (Orgs.). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 25-41.

CUNHA, Maria Isabel da. **O campo da Pedagogia Universitária: legitimidades e desafios para a profissionalidade docente**. São Leopoldo, Unissinos, 2008 (paper).

KHAOULE, Anna Maria K.; SOUZA, Vanilton C. Desafios atuais em relação à formação do professor de Geografia. In: SILVA, Eunice I. da S.; PIRES, Lucineide M. (Orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed da PUC Goiás, 2013. p. 87-105.

MORAES, Jerusa Vilhena de. **A alfabetização científica, a resolução de problemas e o exercício da cidadania: uma proposta para o ensino de geografia**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.48.2010.tde-14062010-103955. Acesso em: 2018-08-09.

SILVA, Jorge Luiz Barcellos. Quais saberes constituem um bom professor de Geografia? In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Et al.); TONINI, Ivaine Maria. **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 215-226.

SOUZA, Hanilton R. de.; SOUZA, Luciana Cristina T. Estágio Supervisionado em Geografia: Percorrendo novos caminhos e construindo outras Geografias. In: PORTUGAL, Jussara F.; OLIVEIRA, Simone S.; RIBEIRO, Solange Lucas. (Orgs.). **Formação e Docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: Edufba, 2016. p. 397-415.

VALLADARES, Marisa Teresinha R. Narrativas como passaporte em zonas de fronteiras: Estágio curricular em Geografia. In: PORTUGAL, J.F; CHAIGAR, V.A.M.(Org.) Ensino e pesquisa em educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 73-96.